

Covid-19: Vamos ter de voltar a usar máscaras?

Mais hospitais de Lisboa ponderam voltar à obrigatoriedade do uso de máscaras. Especialistas concordam, mas sem alarme.

“Temos de perceber que estamos num ambiente de normalidade social, portanto, não há nenhuma situação de alarme.” As palavras de Artur Paiva, diretor do Programa de Prevenção e Controlo de Infecções e de Resistências a Antimicrobianos (PPCIRA) da Direção Geral da Saúde (DGS), à agência Lusa, vão no sentido de acalmar os ânimos depois de dois hospitais de Lisboa terem regressado ao uso de máscaras. Desde 1 de setembro que o Centro Hospitalar Lisboa Norte, que engloba os hospitais Santa Maria e Pulido Valente, voltou a impor o uso de máscara nos locais de internamento para profissionais de saúde e visitas”.

“Não há nenhuma deteção de aumento do número de casos graves ou de hospitalizações devido à Covid-19 e, portanto, não há nenhuma razão para voltarmos ao uso generalizado da máscara”, no entanto, face a situações locais de aumento da incidência e de pessoas de especial fragilidade, o contacto deve ser feito com máscaras, argumentou.

A VISÃO sabe que outros hospitais de Lisboa estão a ponderar voltar à obrigatoriedade do uso de máscaras e que os dois maiores do Porto (São João e Santo António) não equacionam, para já, fazer o mesmo, dado que não têm doentes com Covid-19 internados.

De acordo com o médico intensivista, cada unidade de saúde tem a sua unidade local do PPCIRA e, por isso, a decisão do centro hospitalar “é perfeitamente normal”, no âmbito de “uma medida com sensatez associada à situação específica do hospital em causa”. Segundo a DGS, a abordagem à COVID-19 deve ter em conta “dois vetores essenciais”: a proteção dos mais frágeis e a responsabilização dos cidadãos, que devem adotar medidas de proteção em relação aos outros quando estão infetados.

Nesta altura, a doença está numa fase de transmissibilidade “um pouco maior” face à entrada de uma nova variante mais transmissível, mas sem aumento da gravidade dos casos, notou o médico.

E porque é que isto está a acontecer? A aglomeração de pessoas, como a que se verificou na Jornada Mundial da Juventude, nos festivais de verão e nas muitas festas locais, é uma das razões apontadas. Não só “os eventos de massa”, refere Gustavo Tato Borges, presidente da Associação Nacional dos Médicos de Saúde Pública, como as jornadas, os festivais de música ou as “festas do pôr do sol” contribuíram para um aumento de casos, mas também porque foi “introduzida uma sub-linhagem da Ómicron com maior transmissibilidade, a EG.5”. O médico diz que “as pessoas esqueceram-se do vírus e conviveram sem preocupação”.

Este aumento de casos, diz Tato Borges, está “dentro dos valores considerados aceitáveis”, mas não deixa de ser “um alerta” para “termos mais cuidado”.

Quanto ao uso generalizado de máscaras, o médico de Saúde Pública aponta que “essa é uma incógnita que vai aparecer todos os invernos”, mas é da opinião que “é pouco provável que isso aconteça”, no entanto, se aparecer uma variante nova “poderá ser preciso”.

Dado que no inverno circulam vários vírus respiratórios, “alguns hospitais poderão tomar essa medida” para proteger os utentes e profissionais.

Texto 2

Viva o isso, de Miguel Esteves Cardoso

« [...] O isso preserva o mistério. Claro que sabemos o que é isso. Só que não é preciso falar nisso. [...]»

Não conseguimos viver sem isso. Isso é indiscutível.

De todas as saudações que conheço, a mais portuguesa tem sempre um isso. «Como é que vai isso?» é sempre mais rico e mais espesso do que apenas «Como é que vai?»

«Como é que vai?», sem isso, refere-se à pessoa inquirida e nada mais. Mas «como é que vai isso?» estende o campo de inquérito a toda a existência. Isso tanto pode ser essa velha carcaça, como essa vida tão atribulada, como uma coisa qualquer na qual não se pode – ou não convém – falar.

O isso preserva o mistério. Claro que sabemos o que é isso. Só que não é preciso falar nisso.

As saudações são quase sempre perguntas falsas ou insinceras. Pergunto «passou bem?» ou «como tem passado?» ou «está bom?» mas aí do chato que se atrever a responder. Antes de começar o desfile de pormenores, já o outro está a dobrar a esquina.

O isso faz o favor de invocar aquilo que nos é comum – o fardo da vida, o ter de acordar, a implacável necessidade de nos deslocarmos, a toda a hora, de um lado para outro – e isso é generoso, é colegial, insere-nos numa comunidade eterna de esforços inglórios e comezinhos recompensas.

Para mim, a versão mais portuguesa vai além da interrogativa e introduz corajosamente – solidariamente! – a negativa.

A forma perfeita é: «Isso vai ou não vai?»

Pega-se assim de caras a elevadíssima probabilidade de estar tudo a correr mal, mais a nota de humor cínico que fica sempre bem.

Até se pode responder «Isso agora...» porque, por trás do fingimento de recato, rosna obrigatoriamente a raposa da desconfiança. Que é como quem diz «ao que tu andas, sei eu...»

Só em Portugal é que «sabes muito...» é um insulto. «Lá isso...»

Isto pode muito bem ter remédio. Mas o isso é que não tem. Ao menos isso, não é?

Crónica do autor, in jornal *Público* do dia 29 de janeiro de 2022, escrita segundo a norma ortográfica de 1945.

“Portugal é um País perfeito para apostar no Turismo Literário”

Eça de Queiroz, Fernando Pessoa ou José Saramago são alguns dos mais reconhecidos autores portugueses, cujo legado pode e deve ser colocado ao serviço do Turismo, naquilo a que se chama de Turismo Literário. Este segmento conta com um vasto potencial e é apreciado essencialmente pelos turistas do Norte da Europa, que procuram conhecer os locais associados à vida e obra dos seus autores favoritos. E Portugal tem condições ímpares para apostar neste tipo de oferta.

Quando pensamos em Turismo e em viagens, raramente lhes associamos a literatura, mas a verdade é que há quem junte o útil ao agradável e realize viagens para conhecer os locais citados nas obras ou que fizeram parte da vida dos seus autores favoritos, tema que deu mote a uma conversa com a professora Elena de Prada, vice-directora para Assuntos Internacionais da Faculdade de Gestão Empresarial e Turismo da Universidade de Vigo, que esteve em Portugal a convite da Universidade Europeia, no âmbito do programa Erasmus, para falar sobre as potencialidades deste tipo de Turismo. Para início de conversa, começámos por perguntar a Elena de Prada o que é isto do Turismo Literário e a resposta surpreendeu pela simplicidade do conceito.

“Há muitas definições porque também há muitos estudiosos que cada vez mais tratam este tema, mas essencialmente é o Turismo relacionado com a obra, a vida e os lugares mencionados nas obras dos autores. Todo este conjunto e a disposição para visitar estes lugares, é o que se chama de Turismo Literário”, explicou a especialista, resumindo que “o objectivo é conhecer mais de perto o autor e a sua obra”. O Turismo Literário terá nascido em Inglaterra, mas expandiu-se para toda a Europa e mundo. Hoje, são “os países da Europa do Norte que têm uma tradição muito forte em Turismo Literário”, com Elena de Prada a explicar que “os turistas destes países estão mais acostumados a viajar por uma motivação específica, devido a um significado especial e, por isso, procuram alternativas diferentes ao Turismo mais tradicional”. O turista literário é, por norma, “uma pessoa com um nível de educação mais elevado, que tem uma motivação de visita mais intelectual e que procura a autenticidade”, refere a especialista, considerando que Portugal tem todas as condições para apostar no Turismo Literário. “Portugal é um país perfeito para apostar no Turismo Literário, porque sempre conservou muito o seu património e o Turismo Literário segue as vidas dos autores e das suas obras, também através do tempo. Em Portugal, ainda se encontram muitos dos lugares mencionados nas obras, pelo que é muito fácil realizar rotas autênticas, onde estes turistas podem, não só viajar pelas obras literárias, mas também no tempo”, sublinha.

Elena de Prada não tem dúvidas quanto ao potencial de Portugal para o Turismo Literário e, logo à cabeça, vêm-lhe alguns autores portugueses capazes de atrair os turistas estrangeiros. Eça de Queiroz e as suas histórias passadas entre Lisboa e Sintra, Fernando Pessoa, que a especialista diz ser “a alma de Lisboa”, e José Saramago, o único português distinguido com o prémio Nobel da Literatura, são alguns dos autores portugueses que se tornaram conhecidos internacionalmente e que interessam aos turistas estrangeiros.

03.07.2018

Inês de Matos

<https://www.publituris.pt/2018/07/03/portugal-um-pais-perfeito-apostar-no-turismo-literario>